

# Clarice em tradução

Maria do Carmo Campos

Este conto foi traduzido em colaboração com Michel Peterson durante a realização de estágio de Doutorado na Université de Montreal, em 1986. A primeira versão do texto francês estabeleceu-se ainda durante o estágio, quando a convivência acadêmica e humana, proporcionada nos seminários de Literatura Comparada, estimulava projetos que contassem com participantes de universos culturais e lingüísticos marcados pela distância e pela diferença. Estabelecidos os objetivos e a parceria, as dificuldades iam sendo superadas principalmente através do modo análogo de encarar a ficção de Clarice Lispector, essencialmente pelo viés da espessura de linguagem e pela estranheza da significação. Finalizada a temporada de estudos em Montréal, o texto foi sendo aperfeiçoado em sucessivas revisões, acrescentadas e discutidas por carta, até chegar-se à versão que ora se apresenta.

A tradução de textos da literatura brasileira para o francês com diversos colaboradores já havia sido realizada, por ocasião de estágios de professores brasileiros no exterior. Exemplo disso são 3 números da Revista *DÉRIVES*, publicados em 1983 em Montréal, sob o título de "Nouvelles Brésiliennes", e sob a coordenação de Flávio Aguiar/USP, Javier Garcia Méndez e Jean Jonassaint.

Se, de um lado, o tradutor é brasileiro e familiarizado com o autor a ser traduzido para outro contexto, de outro, o segundo tradutor deve ser o falante culto da língua de chegada (para ele, a língua materna) e conhecedor também da obra "estrangeira" que interessa ao seu país e cultura. Cada um deve conhecer basicamente a língua do "outro" — , além da obra a ser traduzida — compensando-se respectivamente no processo da transposição (tradução) saberes, experiências e lacunas: é como se a interposição automática e conseqüente de um sistema pouco explicável de repetições, ecos e evocações operasse no sentido de suspender temporariamente a brutalidade da diferença que separa as culturas do ponto de vista geográfico, histórico, lingüístico, literário.<sup>1</sup> Estaria essa suspensão entre as condições necessárias à ocorrência da tradução? Poderia a tradução ser entendida também como violência que possibilita a chegada do texto estrangeiro a um lugar que lhe será supostamente mais familiar?

---

Maria do Carmo Campos é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>1</sup> A inteligibilidade das línguas em relação de estranheza de umas para com as outras era dissipada no passado por uma crença na universalidade do espírito, que respondia, segundo Octávio Paz, à confusão de Babel. O homem moderno teria assistido à destruição dessa segurança pelo espetáculo da multiplicidade de costumes e instituições, com a conseqüente dificuldade de o homem reconhecer-se nos homens.

PAZ, Octávio. *Literatura e literalidade*. In: *Convergências; ensaios sobre arte e literatura*. trad. Moacyr Werneck de Castro. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.

Invertendo-se as perspectivas, imagine o leitor um texto de Clarice Lispector como estrangeiro para todas as culturas que não a brasileira. Mais ainda: ultrapassando a questão da língua, imagine-se o texto como estrangeiro inclusive em Portugal, inclusive no Brasil, mesmo para brasileiros cultos, letrados ou literatos, mais ou menos inseridos na vida contemporânea.

O caráter estrangeiro poderia advir da estranheza do texto ou das dificuldades de sua inserção nos horizontes da literatura brasileira. No entanto, a tradição pode estar compondo justamente com Clarice Lispector aquele percurso descontínuo e transversal de lacunas, diferenças e afinidades que acaba por consolidar as literaturas. Aquém ou além dos patamares da literatura nacional, a obra de Clarice transita ágil e lentamente por entre a rememoração, o psicológico, o metafísico, o metaficcional, atravessando o feminino em alguns de seus compartimentos mais densos: do simplesmente localizado (imagem do corpóreo) ao universal, circula por entre os meandros mais opacos (nem por isso menos sintomáticos) dos modos de vida contemporâneos.

A opção por este conto deve estar ligada à sugestão por ele formulada rumo ao redimensionamento da generosidade humana por entre as vicissitudes impostas pelos mecanismos de organização social. Nele ressaltam as idiossincrasias do dar e do receber nos seus limites, atravessados pelos fossos da carência, do hábito e do desejo. No instituído, pode revelar-se a individuação; nos hábitos sociais, a surpresa grata e fortuita; nos comportamentos previstos e ordenados, a fronteira subversiva de cada um; em meio à alienação, o salutar, na possibilidade do encontro desavisado e generoso.

Às margens do intercâmbio reificante, da volúpia estabelecida e do consumo, revela-se a restituição aos seres e às coisas de modos mais genuínos do dar e do receber. A ancestralidade do desejo — se libertada das imposições deteriorantes de uso e troca — reanima os eternos movimentos do sujeito e do objeto na busca de seus lugares atuais. Se "pão é amor entre estranhos", a recuperação da bem-aventurança no conto pela linguagem das sagradas escrituras, tocando o cerne da ética contemporânea, devolve ao humano, com a simbologia dos rituais hoje extraviados, o seu lugar à mesa, a sua condição de sujeito do desejo.

## LE PARTAGE DES PAINS<sup>2</sup>

C'était samedi et nous étions obligés au déjeuner. Mais chacun de nous aimait trop le samedi pour le gâcher avec qui était là. Chacun avait jadis été heureux et gardé la marque du désir. Moi, je voulais tout. Et nous y étions

---

<sup>2</sup> LISPECTOR, Clarice. A repartição dos pães. In: \_\_\_\_ *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1964.

Tradução: **Maria do Carmo Campos**.

**Michel Peterson** (Professor na Universidade de Montreal).